

Homo Viator; poéticas errantes.

Raoni Carvalho Gondim
raonipaniago@gmail.com
<http://lattes.cnpq.br/6156538117483985>

“Toda grande imagem tem um fundo onírico insondável”
Gaston Bachelard, A poética do Espaço, p. 132.

INTRODUÇÃO

Este artigo faz uma reflexão acerca de um processo de criação em andamento, onde o princípio movente da poética é resultado do caminhar enquanto pulsão ontológica que permeia o imaginário. O objetivo do caminhar está contido na fugacidade do instante¹ que se abre enquanto imagem primeira, o que para Gaston Bachelard (1984) seria um devaneio².

Os conceitos de Lugar e Território são discutidos a partir de uma abordagem fenomenológica, de onde a poética se manifesta no instante enquanto duração do movimento.

Na premissa de que esta imagem primeira seja território do imaginário, os métodos utilizados são; intuitivo e cartográfico. Para Gilles Deleuze e Félix Guatari (2000), o método cartográfico possibilita um maior detalhamento das nuances do processo de criação. Sobretudo quando os caminhos percorridos em um espaço corporal, ou seja, tátil, são mesclados a espaços virtuais; de ordem fantasmagórica, incorpórea e sensória.

Nesse sentido, a cartografia permite uma narrativa mais abrangente no que concerne às poéticas, por ocupar um campo predominantemente sensório, cujo qual o método intuitivo se aprofunda, fazendo valer de nossas experiências para delimitar os caminhos a serem traçados. Anne Cauquelin (2008) delinea as metodologias

¹-Para Arthur Omar “tudo se passa num instante cego, porque mais curto que o tempo necessário para olhar” (1997, p.20). O instante seria um acontecimento mais rápido que a memória e, por isso, captável apenas pela fotografia. Aqui utilizo o instante enquanto fugacidade da imagem; constante primeiridade.

²-Grande expoente da fenomenologia do imaginário, Gaston Bachelard compreende o sonho como o lugar onde o inconsciente trabalha, enquanto o devaneio seria o sonho onde a consciência estaria presente, território da imaginação ativa.

escolhidas ao trazer para a discussão da arte contemporânea o conceito dos Incorporais, cunhada pelos estóicos³.

A partir dos registros de percurso do meu corpo-território, originalmente urbano e errante, dialogo com os espaços no intuito de identificar elementos que corroboram para a compreensão de uma ontologia paradoxal inerente ao ser humano, onde a necessidade de permanecer, criar raízes, ter seu lugar no mundo é questionada pela condição do homem elementar, o *homo viator*.

Definição difundida pelos Cínicos⁴ para identificar a virtude primeira do caminhante, o *homo viator* representa a ancestralidade enquanto insurgência primordial. Busca pela verdade em sua essência mais primitiva, diálogo entre a aridez e a abundância contida nos elementares; fogo, terra, água e ar.

LUGAR E TERRITÓRIO

Joseph Campbell (2007) relaciona o arquétipo⁵ dos movimentos de vida e morte no intuito de identificar as origens elementares da inquietação humana. O autor observa, a partir destes princípios arquetípicos que profundas mudanças são compreendidas como processos de esvaziamento onde o ser procura se desapegar daquilo que já não é mais elementar em seu trajeto.

O luto oriundo desse processo de desapego seria realizado por meio de “uma crise de dimensão espiritual que possibilita a retomada do trabalho de criação” (2007, p.26). Nessa perspectiva ontológica da criação, onde a formação dos arquétipos são reflexos de um imaginário constituído ancestral e coletivamente, ramificam-se possibilidades em que “na ausência de uma efetiva mitologia geral,

³ -Escola dentro do pensamento grego pré-socrático que buscava a verdade e a felicidade a partir dos elementares, tal como o conceito de Incorporais.

⁴ - “O termo cínico deriva do grego *kunos*, o cão. Designa um personagem cujo modo de vida era muito rude [...] e se ocupava de denunciar as hipocrisias do mundo” (GROS, 2010, p. 132). Os Cínicos antecedem os Estóicos, e apesar de simpáticos as mesmas discussões, relacionadas ao movimento – “fluxo e devir contínuo” (FILHO, 2004, p.19), aos elementares enquanto essência e a compreensão de mundo pelo materialismo e não pelo transcendentalismo, ensinavam por métodos distintos; enquanto os estóicos palestravam para um público imóvel, os cínicos dedicavam suas vidas a peregrinação - não no intuito de evangelizar, mas de inquietar as almas coagidas pela convenção social. Nota-se a diferença entre os filósofos cínicos ao cinismo enquanto termo pejorativo atual, que indica certo oportunismo deslocado dos valores elementares.

⁵ - Formas ou imagens de natureza coletiva que se manifestam praticamente em todo o mundo como constituintes dos mitos e, ao mesmo tempo, como produtos autóctones e individuais de origem inconsciente. JUNG apud CAMPBELL, 2007.

cada um de nós tem seu próprio panteão de sonho – privado, não reconhecido, rudimentar e, não obstante, secretamente vigoroso”. (2007, p.16). Bachelard (1984) compreende este espaço enquanto esteio, princípio onírico e imaginativo de onde brotam nossas primeiras imagens; território interno e insurgente do imaginário.

Campbell (2007) define Território como delimitações históricas, pessoais e locais, que dizem respeito às particularidades do indivíduo, enquanto Frederic Jameson considera:

Em suma, o espaço é um lugar praticado. Assim, a rua geometricamente definida por um urbanismo é transformada em espaços pelos pedestres. Do mesmo modo, **a leitura é o espaço produzido pela prática do lugar constituído por um sistema de signos – um escrito.** (JAMESON, 1995, p.80-81 apud FERVENZA 2003, p.22-23 – grifo nosso).

Por fim, a relação entre essa pulsão nômade é compreendida através de uma necessidade ancestral de errância. Para considerar o errante é preciso qualificar o que não é errante, ou seja, fixo.

Recorrer ao paradoxo elementar imbricado em nosso contexto sociocultural, onde, de acordo com Paul Zunthor (2008), ao analisar tal sintoma, o conceito de nomadismo contemporâneo constitui-se no deslocamento que adquire uma potencialidade virtual e incorpórea, onde somos constantemente instigados a nos deslocarmos mentalmente, a interagir com o máximo de informação passível de ser apreendida e processar tudo de forma a corresponder às exigências de nossos papéis diariamente exercidos.

Portanto, o Território seria um complexo de imagens, memórias e acontecimentos passados e presente, interpelados por uma ansiedade de futuro, cuja realidade estaria contida unicamente no entre. Entre enquanto espaço presente, reservado à ação. Ação que é corpo e que se move mediante ao horizonte. Instante único e fugaz onde passado e futuro ladeiam sem exigir prioridade, pois esta se ocupa da presença.

A imanência contida nesse Entre é potência pura; cruzamento latente entre espaço, Lugar e Território em uma condição absolutamente nova. Estes entrecruzamentos provenientes na presença são compreendidos aqui como um paradoxo elementar; espaço intimamente relacionado ao vazio enquanto princípio de

movencia. Vazio que nos instiga a seguir atentos àquilo que se apresenta na novidade do devaneio bachelardiano.

O processo de criação que motiva este texto é feito sob uma perspectiva de diários, na qualidade de suporte que aceita toda sorte de memórias e subjetividades. No diário, tanto a escrita quando a leitura é compreendida a partir de Territórios; onde as notas intuitivas e poéticas estruturam uma cartografia única e particular dos caminhos imaginários e percorridos:

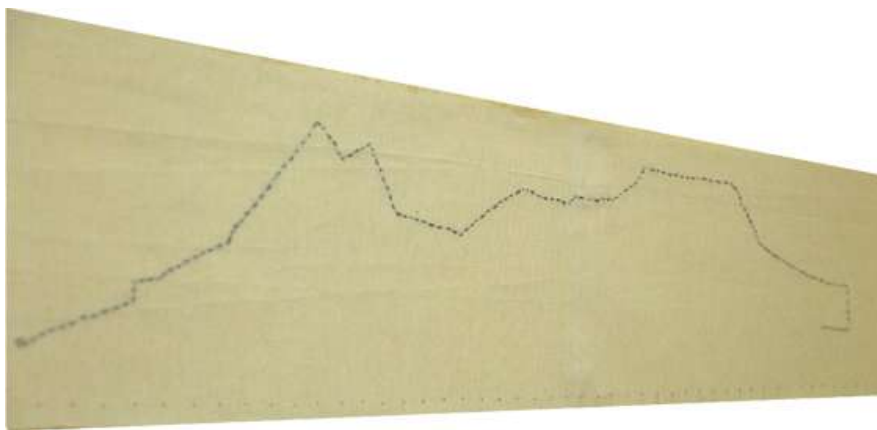


Figura1: Diário I - Processo de criação- Boulevard. Suíço / Araújo Pinho. 2013. Fonte: Acervo Pessoal

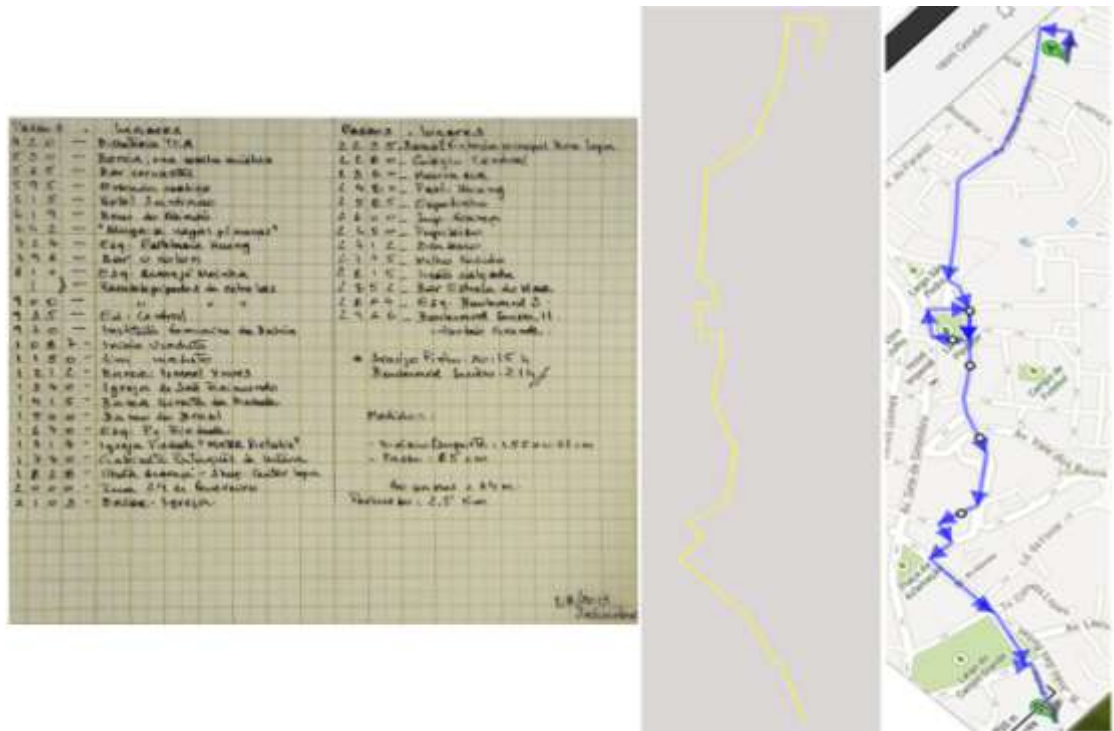


Figura2: Diário I - Processo de criação- Boulevard. Suíço / Araújo Pinho. 2013. Fonte: Acervo Pessoal

Em Diário I, estabeleço como Território o percurso cotidiano de minha casa até a Escola de Belas Artes, ambas no centro da cidade de Salvador-BA. Para mensurar este caminho a partir de um método simples, sem precisar tecnologias que iriam me tirar da condição de transeunte e conseqüentemente chamar atenção mediante esta ação, utilizo meus passos como medida.

Contados 1.500 passos no percurso de ida, anotei durante o percurso de volta os lugares mais relevantes de forma intuitiva, tal como apresentado nas figuras 1 e 2. O percurso bordado em uma de escala de 1/30 dialoga com a perspectiva de território plano, construído a partir de tramas e emaranhados, assim como compreendo os percursos da vida, do processo e do caminhar...

O VAZIO MOVENTE

“O herói é o homem da submissão autoconquistada”.

(Campbell, 2007, p.26)

Campbell (2007) ao considerar o arquétipo do herói, pontua elementos primordiais e constitutivos do imaginário ocidental. Ao fazê-lo, identifica conflitos dos quais o herói é obrigado a resolver para seguir sua jornada. A resignação proveniente do desapego seria uma forma de desterritorialização⁶, virtude a qual o levaria de volta a sua casa.

Dito que o homem só encontra seu caminho de volta ao descobrir-se desapegado para sobreviver às intempéries da jornada, sofre mudanças das quais, ao retornar para casa já não é mais o mesmo, devido às experiências necessárias para reconstruir seu território, e finalmente encontrar seu lar.

Nesse sentido, vale ressaltar a mensagem de que estamos sempre a caminho, jamais voltando. Pois o que fica da jornada são exatamente essas mudanças que ocorrem no durante, e que nos transformam. Portanto, quem volta é uma nova instancia perceptiva – insurgências compreendidas arquetipicamente como vida e morte. Morremos para renascer, constantemente.

⁶ - “Não há território sem um vetor de saída do território, e não há saída do território, ou seja, desterritorialização, sem, ao mesmo tempo, um esforço para se reterritorializar em outra parte”. (Gilles Deleuze- apud HAESBAERT, 2010.)

Compreendido a profundidade que o conceito de Território adquire aqui, considero que nele esteja contido o motivo da itinerância. Essa qualidade faltosa que instiga o caminhar vincula-se a inquietação geradora, falta existencial necessária para que nos desloquemos em busca de sentido.

Enquanto índice de uma falta latente, incorpórea e determinante, Roland Barthes (2003) comenta:

Sonhar (bem ou mal) é insípido (que tédio, as narrativas de sonho!). Em compensação, o fantasma ajuda a passar qualquer tempo de vigília ou de insônia [...] O sonho me desagrada porque ele nos absorve inteiramente; o sonho é monológico, e **o fantasma me agrada porque ele permanece concomitante à consciência da realidade** (a do lugar onde estou); cria-se assim um espaço duplo, desencaixado, escalonado, no seio do qual uma voz (nunca saberia dizer qual, a do café ou a da fábula interior), como no andamento de uma fuga, se coloca em posição de indireto, algo se trança, e é, sem caneta nem papel, um começo de escritura. (BARTHES, 2003 p.101-grifo nosso)

Essa fantasmagoria definida como um espaço “duplo e desencaixado” é mensurada nessa pesquisa também à luz de Cauquelin (2008) que retoma a fantasmagoria como importante elemento para a compreensão do Território, no sentido de reafirmar a proximidade entre os corpóreos e incorpóreos:

O tempo, o lugar e o vazio, já os conhecemos, mas quando os pensarmos como “incorporais”, sem dúvida, nós os veremos diversamente; quanto ao exprimível, o último da lista, não sabemos o que ele é, mas imaginamos facilmente [...] introduz nas zonas francas essas margens onde se dá o habitual de nossas conversas e onde intervém de modo **fantasmagórico impressões, aparições e desaparecimentos, leves esquecimentos e memórias**; ele é, sem dúvida, aquele que nos seria mais familiar, o lugar dos implícitos da linguagem, da interpretação[...] Atentar-se a sabedoria estoica em não cair no indizível, manter os pés na terra, buscando incluir o incorporal no ceio do dispositivo lógico- a representação compreensiva. (CAUQUELIN 2008, p.32 grifo nosso).

O *exprimível* seria o elemento que percorre tempo, lugar e vazio com intuito de dar corpo à poética. Tem caráter fantasmagórico por compartilhar da mobilidade, assim como o nomadismo contemporâneo de Zunthor (2007) - que vincula a esta estrutura, o conceito de performance como ato de leitura, onde leitor/receptor é quem remete significado na ação. Para tanto, a obra seria um acontecimento em pleno diálogo. Corpo enquanto Território e horizonte como destino, eis a chave que se aponta frente à escuta do errante.

Retomemos então ao paradoxo. Desde que o corpo é presença e Território, máquina latente, errante e por excelência faltosa, simbolizamos na imagem do horizonte, a resignação de uma busca contínua, pois a distância que separam os dois é sempre a mesma; ambos caminham juntos. Nesse sentido, me ocupo da hipótese de que a distância contida na relação corpo/horizonte seja um elemento corpóreo e indissociável, e ainda, que a ação seria uma tomada de consciência diante esse Entre que mora no corpo-horizonte:



Figura2: **Diário II** - Fragmentos de registro audiovisual. 2013. Fonte: Acervo Pessoal

DO CORPO-MÉTODO

Cada corpo é único em sua constituição biométrica, ainda que a constituição biológica seja a mesma, nossos sentidos – ver, ouvir, tocar, sentir e falar- detêm nuances particulares de percepção no que diz respeito ao timbre de voz, construção de escuta, paladar e elaboração óptica e toda a sorte de combinações destes...

Essa seria uma perspectiva ontológica do corpo social, onde o imaginário – construído socialmente- está diretamente imbricado nesse complexo corporal particular, devido às variações de nuances dos sentidos. Não que estejam dissociados, muito pelo contrário, são complexos constituídos por infinitas perspectivas distintas e perfeitamente dialógicas.

Nesse sentido a cartografia apresenta um caráter randômico; onde a qualidade cartesiana definida em horizontais e verticais é substituída em virtude à necessidade de um registro que esteja vinculado às especificidades da poética. Da

errância enquanto princípio poético-gerativo onde as sensações são materialidades da ordem do incorporal.

Os trajetos realizados são construídos, portanto, de forma intuitiva e não linear mediado pelo acaso que se apresenta na qualidade de devir; o caminho enquanto pura imanência e primeiridade.

Das particularidades referente à acuidade perceptiva na relação errante/percurso, trago uma breve reflexão de Joseph Esquirol (2008) que diz respeito às virtudes da coexistência enquanto premissa do bom caminhante:

O respeito requer uma atenção, e a atenção, um acercamento, uma aproximação. [...] Nem todos que veem abriam os olhos, nem todos os que olham, veem. O ato de afastar ou abaixar o olhar pode ser feito por respeito, logo, entende-se por uma atitude moral perante aquilo que se observa [...] Afasta o olhar quem viu bem, determinada situação, quem continua olhando não percebe o que deveria ter visto então seu olhar converte-se em indiscrição [...] Respeito enquanto esteio da existência coletiva. (ESQUIROL, pg. 15-18, 2008)

ARQUÉTIPOS FRONTEIRIÇOS

Em termos comparativos estabeleço um paralelo entre as noções de vazio nas culturas ocidentais e orientais, no intuito de buscar na essência das imagens arquetípicas um princípio de realidade definidora de valores que integram um inconsciente coletivo.

No ocidente, pensamos no vazio como algo que necessite ser preenchido. Para a psicanálise freudiana, seria uma espera primordial proveniente da ausência materna, onde, na duração da espera, a criança constrói suas primeiras imagens como uma forma de simbolizar a falta. Estas imagens são definidas por Didi-Huberman como imagens fundantes, imagens-objetos que adquirem a função de existir/ resistir a essa falta. Esse processo de simbolização é entendido como uma maneira de luto pela sensação de perda.

Esse luto seria então o espaço da primeiridade⁷, onde as imagens são construídas na intenção de organizar a sensação de perda/vazio. Didi-Huberman pontua, a partir da análise freudiana, que nesse “jogo da criança” reside uma crueldade, pois a simbolização da perda e criação da imagem teria o intuito de assassinar a coisa em si.

Campbell interpreta essa mesma falta a partir de um sentimento de “auto-aterroização” dominada pelo medo e agressões de seus ambientes que são primariamente, reflexões dos incontrolláveis impulsos de aquisição encontradas no íntimo do ser, como uma maneira de trabalhar essa mesma falta. A cura desse sintoma estaria vinculada a possibilidade de Separação ou Transfiguração como mecanismo de intervenção em níveis sensoriais e espirituais, onde o homem organiza de forma saudável suas faltas por meio do processo de criação.

Sobre essas agressões dos ambientes, Nancy Unger reflete:

Em todas as instâncias da vida, humana e não humana, impõe-se o totalitarismo de uma única escolha: produzir ou perecer. É desta imposição que resulta o processo de desertificação: como supressão das forças de pensamento e criação, como homogeneização e nivelamento de culturas e tradições, como destruição da infinidade de manifestações da natureza. No deserto do mundo da produção total, não há lugar para a criatividade e a espontaneidade: como poderá haver lugar para a transformação radical? (UNGER, 2001 p. 112).

Na perspectiva oriental, o vazio corresponde ao estado de equanimidade; fusão entre a presença/ ausência. Em termos elementares, o que distingue às noções de vazio seria a necessidade em dar significado a ele. Enquanto o ocidental se ocupa constantemente de simbolizar essa falta como uma forma de luto, o oriental aceita essa falta enquanto esteio elementar de criação, numa instância onde o vazio deve permanecer vazio. Nesse sentido, o *zen*⁸ é onipresente. Portanto, o que muda aqui é a qualidade do signo.

⁷-“Primeiridade é a qualidade da consciência imediata; é uma impressão (sentimento) *in totum*, invisível, não analisável, frágil. Tudo que está imediatamente presente a consciência de alguém é tudo aquilo que está na sua mente no instante presente” (WANNER, 2010 p.29).

⁸ - Tradição religiosa-filosófica provenientes da China, Japão, Coreia e Vietnã, onde o propósito se resume na meditação como uma prática que leva a aquietação da mente. A filosofia defende a ideia de que a realidade essencial está calcada na contemplação; lugar onde os pensamentos são silenciados com o propósito de retomada do elementar, ou seja, o vazio.

Anne Cauquelin (2008) aproxima estas duas extremidades culturais por meio do conceito dos Incorporais:

É chamado de vazio um espaço que não contém corpo algum, mas que é capaz de contê-lo' [...] 'Fora do mundo se difunde o vazio infinito, que é incorporal; o incorporal é aquilo que é capaz de conter corpos ou de não contê-los'. O incorporal se torna, então, um lugar. 'Incorporais, o lugar e o vazio são a mesma coisa, que é chamada 'vazio' quando nenhum corpo a ocupam e 'lugar' quando é ocupada por algum corpo'[...] se aquilo que circunda o mundo é um lugar, esse lugar, inteiramente ocupado pelo mundo, é co-extensível a ele e dele não pode se distinguir. Eis, portanto, o vazio reabsorvido pelo lugar: não podemos mais pretender que exista um vazio fora do mundo. (CAUQUELIN, 2008, p. 31-32)

CONCLUSÃO

As considerações apresentadas fazem parte da reflexão teórica que embasa o meu processo de criação. As obras possuem duas etapas; a própria ação, o caminhar, e a outra, não menos importante, o registro do caminhar.

Resaltando, contudo, que os registros tendem a não dão conta da poética, pois muito do Território, é deixado pelo caminho em virtude de uma necessidade que se delimita cambiante e intuitiva. As imagens, tal como as linguagens, permitem ao interpretante leituras diversas e, deste modo, a discussão teórica levantada, pretende uma ocupação nesses espaços-Entre, condição de pura imanência do Vazio enquanto onipresença de mundo e onipotência poética.

Portanto, compreendo que nesse paradoxo corpo-horizonte e espaço-Entre, estejam contidos a ontologia da poética apresentada, que me instiga a percorrer, caminhar, passear, flunar, errar, deambular, escutar, compreender, registrar, desapegar, sentir, levar, trazer, criar, integrar, conceber e respeitar.

Referências Bibliográficas

BACHLARD, Gaston. **A Poética do Espaço**. Tradução de Joaquim José Moura Ramos... (et al.) . São Paulo, SP: Abril Cultural, 1984. (Os Pensadores).

BARTHES, Roland. **Roland Barthes por Roland Barthes**. Tradução de Perrone-Moises, Leila. São Paulo, SP: Estação Liberdade, 2003.

CAMPBELL, Joseph. **O herói de mil faces**. Tradução de Adail Ubirajara Sobral. São Paulo, SP: Pensamento, 2007.

CARERI, Francesco. **Walkscapes: El andar como práctica estética**. Barcelona, ESP. Gustavo Gili, 2002.

CAUQUELIN, Anne. **Arte contemporânea: uma introdução**. São Paulo: Martins, 2005. 168p. (Coleção Todas as Artes)

_____. **Frequentar os incorporais**: contribuição a uma teoria da arte contemporânea. São Paulo: Martins, 2008, 215p. (Coleção Todas as artes)

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil platôs – Capitalismo e esquizofrenia**. São Paulo, SP, Editora 34. 2000.

ESQUIROL, Joshep M. **O respeito ou olhar atento**: uma ética para a era da ciência e da tecnologia. Tradução de Cristina Antunes. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

FARKAS, Solange (Org.). **A Revolução Somos Nós**. São Paulo, SP: SESCSP, 2010.

OMAR, Arthur. **Antropologia da Face Gloriosa**. São Paulo, SP: Cosac Naify, 1997.

ZUNTHOR, Paul. **Performance, Recepção, Leitura**. 2ª edição. Tradução de Jerusa Pires Ferreira e Suelu Fenerich. São Paulo, SP: Cosac Naify, 2007.

WANNER, Maria Celeste de Almeida. **Paisagens Sígnicas: uma reflexão sobre as artes visuais contemporâneas**. Salvador, BA: Edufba, 2010.

SOBRE O AUTOR

Artista-Pesquisador, graduado em Fotografia e Imagem, especialista em Artes Visuais; Cultura e Criação e Pós-graduando pelo PPGAV/UFBA - Escola de Belas Artes, Universidade Federal da Bahia, na linha de pesquisa; Processos de Criação artística, orientado por Celeste de Almeida Wanner. Atua como professor orientador- EaD da Universidade Federal de Goiás. Tem experiência na área de Artes, com ênfase em Poéticas Contemporâneas.